



GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos – Trabalho 119

JOVENS E O COTIDIANO DO ENSINO MÉDIO: A PESQUISA NA ESCOLA PARA ALÉM DE UMA CURIOSIDADE INGÊNUA

Cineri Fachin Moraes – UCS

Nilda Stecanela - UCS

Resumo

O texto problematiza o rótulo atribuído aos jovens do Ensino Médio (EM) como sujeitos que não querem nada com nada. Busca responder como as vivências no Seminário Integrado, componente curricular da Proposta do EM do Rio Grande do Sul, oportunizam a experiência juvenil na construção do conhecimento significativo. Baseia-se em narrativas de 380 jovens do EM de 19 escolas estaduais vinculadas à 4ª Coordenadoria de Educação do RS com abrangência em 14 municípios. A análise dos dados, construídos por meio de questionários com questões abertas, semiabertas e fechadas, convida à interlocução teórica com Paulo Freire no desafio à observação do movimento que parte da curiosidade ingênua, se desloca para a consciência crítica e indaga os indícios de uma possível aproximação à consciência epistemológica. Os achados do estudo indicam que a pesquisa na escola promove aproximações à criticidade na construção do conhecimento, avançando para além da curiosidade ingênua, fortalecendo a gênese do SI como *lôcus* de efervescências da consciência crítica. Esses elementos mobilizam pensar e fazer o EM associado às expectativas dos jovens contribuindo para a minimizar a crise que acomete o nível de ensino.

Palavras-chave: Ensino Médio, Seminário Integrado, jovens, pesquisa na escola.

Introdução

O estudo que origina o texto se filia ao campo de investigação sobre a relação entre juventude e Ensino Médio (EM), bem como à política educacional que modificou a organização curricular do EM, estimulando uma prática pedagógica pautada pelo uso da pesquisa na escola como princípio educativo. A proposta em causa foi implantada pelo estado do Rio Grande do Sul em 2011. Frente ao cenário da pesquisa, procuramos observar qual a relação que os jovens estabelecem com a prática supracitada e como ela se materializa no âmbito do cotidiano do EM. Em outras palavras, procuramos apreender o cotidiano desse nível de ensino por meio do modo como os jovens estudantes narram suas experiências e como percebem o papel da pesquisa realizada no Seminário Integrado (SI).

A política educacional efetivada no estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente a proposta do SI¹, se aproxima do que Dayrell e Carrano (2014, p. 109) anunciam, ou seja, uma prática articulada à uma concepção que reconhece “a juventude nas suas potencialidades e possibilidades e não apenas a partir de seus problemas”. O olhar investigativo pretendido no texto procura observar em que medida a experiência com os projetos desenvolvidos no SI oportuniza o movimento da experiência juvenil pelo processo de construção do conhecimento em vista do movimento referido por Freire (1996), ou seja, partindo da curiosidade ingênua, transitando pela consciência crítica e chegando à consciência epistemológica. Intenta-se também, observar o quanto a experiência escolar considera a experiência juvenil e transcende as concepções que desconsideram o jovem que habita a condição de aluno. De acordo com informações da Secretaria da Educação – SEDUC do estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2016, o número total de estudantes do EM diurno das escolas que pertencem a 4ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE)² era 13.702. Frente a esses dados, trabalhamos com uma amostra probabilística que indicava a necessidade de composição por um mínimo de 374 estudantes. Nosso alcance chegou a uma participação de 380 jovens estudantes em 19 escolas de EM de 13 dos 14 municípios de abrangência da 4ª CRE. A metodologia utilizada no estudo para a construção dos dados, envolveu questionários contendo questões abertas, semiabertas e fechadas. Nos municípios com até cinco escolas estaduais de EM, pelo menos uma foi contemplada na pesquisa. Apenas no município de Caxias do Sul, o qual possui 29 escolas estaduais de EM, contou com a participação de estudantes de seis escolas, cujo critério de escolha se deveu por serem consideradas escolas núcleo.³

A sociografia da amostra dos estudantes contempla 162 meninos, 214 meninas, 4 não informaram sexo, totalizando 380 participantes. No que se refere a idade, 27 situam-se na faixa etária compreendida entre 13 e 15 anos, 288 entre 16 e 17 anos, 61 entre 18 e 20 anos. O fato do estudo ter sido realizado com jovens do EM diurno justifica o alcance da amostra compreender o intervalo entre 13 e 20 anos. Dayrell (2003) afirma que para situar o que significa ser jovem, faz-se necessário articular a

¹ O Seminário Integrado será descrito de forma mais detalhada na sequência do texto

² A Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Sul, conta com 30 coordenadorias regionais sob orientação do Estado do RS. Cada coordenadoria representa a secretaria na área de sua jurisdição. A 4ª CRE tem sua sede em Caxias do Sul e é responsável pelo acompanhamento das escolas estaduais de 14 municípios da região serrana do estado. Dados acessados <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/cre.jsp?ACAO=acao1&CRE=0> em 02/02/2017.

³ Localizadas em bairros cujo acesso é viabilizado pela circulação de ônibus urbanos.

noção de juventude de “sujeito social”, contextualizando-o historicamente no tempo e no espaço, além de considerá-lo sujeito portador de uma identidade. Para Tomazetti (et.al, 2014, p. 27) “a idade entre 15 e 24 anos orienta os estudos demográficos da população considerada jovem; essa faixa etária vem sendo alargada para 29 anos”.

Alguns autores situam a juventude como uma etapa da vida caracterizada por modificações físicas e psicológicas, antecedendo a entrada para a vida adulta, não sendo possível determinar uma faixa etária de início e término desta fase. No entanto, é necessário considerar que cada jovem vive este momento de sua vida, de seu processo educativo e de formação de forma particular. Pais (2003, p. 40) esclarece que a noção de juventude existe desde há muito tempo, porém ganha consciência social a partir do momento em que se verifica o prolongamento dos tempos de passagem e da sua constituição como grupo social (PAIS, 2003, p. 40).

Por sua vez, Dayrell e Carrano (2014, p. 110-111), destacam a juventude como “uma categoria socialmente construída”, a qual é “parte de um processo de crescimento totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social”, é necessário que a juventude seja compreendida não apenas como um momento da vida, como um ritual de passagem para a vida adulta, mas sim entendida na sua dinamicidade e transformações ao longo da história. A juventude é vivida por “jovens enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem e assim, elaboram determinados modos de ser jovem. ” (DAYRELL, CARRANO, 2014, p. 112).

Embora na contemporaneidade sejam observados deslocamentos nas relações sociais e nas concepções sobre as diferentes gerações, é oportuno considerar os jovens de modo integral, em todas as dimensões da experiência escolar e cultural, portanto, no seu todo, ou seja, com suas ideias, motivações, interesses, histórias, percursos, descobertas, intenções, erros e acertos. Para Pais (2003, p. 45) “a juventude constitui-se como um laboratório ou cenário de mudança das estruturas sociais”. Cabe então, para a escola, uma atenção, um cuidado com o jovem estudante e os anseios da juventude.

Os achados da investigação são tecidos ao longo do texto e envoltos na teoria que ancora a interpretação dos dados construídos à luz de Freire, Dayrell, Carrano, Pais, entre outros, considerando o diálogo em três dimensões, cujo processo envolve e oportuniza encontros entre a empiria, a teoria e os conhecimentos tácitos do pesquisador, oportunizando que novas janelas interpretativas sejam abertas e

argumentos possam ser gestados, no sentido de analisar em que medida a experiência dos jovens estudantes com as pesquisas desenvolvidas no SI oportunizam o movimento da experiência juvenil nos meandros do cotidiano escolar ao considerarmos a pesquisa como princípio educativo e a tríade do conhecimento apresentada por Freire.

A partir do anunciado, organizamos o texto em três tópicos. Iniciamos com uma breve contextualização do EM Nacional e a política que envolve a Proposta Pedagógica do EM do estado do Rio Grande do Sul. Na sequência apresentamos o que procuramos rastrear no cenário de investigação, bem como desenvolvemos a tríade do conhecimento considerando a curiosidade ingênua, crítica e epistemológica. Finalizamos apresentando os ecos produzidos a partir das narrativas juvenis com relação à experiência da pesquisa na escola, no âmbito do SI.

1. Ensino Médio Politécnico/RS, o Seminário Integrado e o espaço da pesquisa

A reorganização do EM em âmbito nacional e os constantes apelos para uma reestruturação, para uma reinvenção desta etapa da educação básica precisam estar presentes nas pesquisas debates e ações das políticas públicas, principalmente pela necessidade de uma melhor definição de seus propósitos, visto que o EM está distante de atender as necessidades dos jovens estudantes. Para Dayrell e Carrano “o esforço de conhecer e reconhecer os jovens estudantes pode levar à descoberta dos jovens reais e corpóreos que habitam a escola e que, em grande medida, podem se afastar das representações negativas dominantes ou das abstrações sobre o ‘jovem ideal’”. (2014, p. 114). Neste sentido a escuta dos atores deste processo é fundamental para repensar a escola de EM, contribuindo, em alguma medida, para minimizar a crise que acomete este nível de ensino.

O EM até pouco tempo era compreendido como a etapa de continuidade do Ensino Fundamental. Com a promulgação da Lei nº 9.394/96 (LDB), o EM passou a ter uma identidade própria, sendo estabelecido como a etapa final da Educação Básica, mas a obrigatoriedade do EM no Brasil ocorreu a partir da Emenda Constitucional nº 59 de 2009. Em 1998, o Conselho de Educação Básica – CEB, através da Resolução Nº 3 de 26 de junho, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o EM, as quais foram inspiradas na LDB 9394/96 e “sistemizam as principais conquistas democráticas do

movimento social organizado” (BRASIL, 2013, p. 24), apresentando a ideia de uma formação básica e de preparação para o trabalho. No ano de 2000 foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o EM – PCNs, documento que trouxe uma proposta curricular para este nível de ensino. Na sequência, em 2006 o Ministério da Educação organizou as Orientações Curriculares para o EM, com o objetivo de contribuir com a prática docente, visando um diálogo entre professor e escola.

As novas Diretrizes Nacionais para o Ensino Médio – DCNEM foram homologadas em janeiro de 2012 - tendo como princípio educativo o trabalho⁴ e como princípio pedagógico a pesquisa -, buscando a educação integral do jovem. O documento enfatiza que a função originária da educação vai além da formação profissional atingindo a construção da cidadania, mas para tal a escola precisa ser reinventada, precisa “priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, participativos, cooperativos, preparados para diversificadas inserções sociais, políticas, culturais, laborais e, ao mesmo tempo, capazes de intervir e problematizar as formas de produção e de vida. ” (BRASIL, 2012, p. 152). Fortalece o encontro com as ideias de Freire (1996) no que se refere ao caráter formador da experiência educativa, com o compromisso que a escola precisa assumir. A pesquisa como princípio pedagógico é apresentada nas DCNEM/2012 requerendo o aprendizado contínuo e ao longo de toda a vida. Essas exigências interferem em um comportamento mediador dos professores, propondo que deixem de “ser transmissores de conhecimentos para serem mediadores, facilitadores da aquisição de conhecimentos; devem estimular a realização de pesquisas, a produção de conhecimentos e o trabalho em grupo” (BRASIL, 2012, p. 163). Através da pesquisa como princípio pedagógico essa transformação pode se traduzir nas ações da escola. Mas será que, de fato, essa tradução está acontecendo? Como estudantes percebem as experiências da pesquisa no cotidiano da escola?

Neste cenário, em 2011, quase que concomitante as DCNEM/2012, o estado do Rio Grande do Sul apresentou a Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada – PEM/RS, indicando mudança de postura na organização curricular desta etapa de ensino, visando contribuir para a criação de “uma consistente identidade do ensino médio” (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p.5). Neste cenário está a proposta da Educação Politécnica/Politecnia, a qual, de acordo com a PEM/RS ancora-se em Gramsci (1978) e Saviani (1989) devendo “estar enraizado no

⁴ Nesta escrita será explorada a pesquisa como princípio pedagógico, pela sua imbricada relação com os dados construídos e os achados permitidos neste momento da investigação.

mundo do trabalho e das relações sociais, de modo a promover formação científico-tecnológica e sócio-histórica, a partir dos significados derivados da cultura, tendo em vista a compreensão e a transformação da realidade. ” (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 14). Envolve a retomada do pensar crítico do estudante, sua posição no mundo, nas suas relações e no trabalho, significando estes a partir de uma concepção curricular que

supõe novas formas de organização dos conteúdos a partir da prática social, contemplando o diálogo entre as áreas do conhecimento; supõe a primazia da qualidade da relação com o conhecimento pelo protagonismo do aluno sobre a quantidade de conteúdos apropriados de forma mecânica; supõe a primazia do significado social do conhecimento sobre os critérios formais inerentes à lógica disciplinar. (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p.14)

Diante dessa concepção curricular, um dos princípios orientadores da PEM/RS é a pesquisa, a qual, se compreendida como princípio pedagógico, valoriza a curiosidade ingênua e organiza a ação docente na intenção de tornar os jovens estudantes do EM epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996). Considerando ser a curiosidade uma das características que marcam as novas gerações a pesquisa visa transitar por caminhos num processo que “integrado ao cotidiano da escola, garante a apropriação adequada da realidade, assim como projeta possibilidades de intervenção. Alia o caráter social ao protagonismo dos sujeitos pesquisadores. ” (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 20).

Para mobilizar a integração com o cotidiano e dar visibilidade ao protagonismo dos jovens estudantes, vinculado à proposta do EM Politécnico, voltada para as escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul, está o SI. Esse componente é o referencial metodológico que compõe o bloco da Parte Diversificada composta por eixos temáticos. O principal objetivo do SI está voltado para o enfoque investigativo, visando a interdisciplinaridade e a contextualização do processo ensino aprendizagem, ou seja, propondo uma articulação entre as áreas do conhecimento “a partir de experiências e vivências, com o mundo do trabalho, a qual apresente opções e possibilidades para posterior formação profissional nos diversos setores da economia e do mundo do trabalho” (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 25).

O SI com enfoque investigativo e de forma articulada com as áreas do conhecimento e os eixos transversais⁵, tem como intenção pedagógica mobilizar

⁵ As áreas ancoradas no Seminário Integrado contemplam as Linguagens e suas Tecnologias, a Matemática e suas Tecnologias, as Ciências Humanas e suas Tecnologias e as Ciências da Natureza e

diferentes saberes na busca do desenvolvimento das competências necessárias para a formação de jovens pesquisadores. Demo (2007) afirma que competência é a “condição de não apenas fazer, mas de saber fazer e sobretudo de refazer permanentemente nossa relação com a sociedade e a natureza, usando o conhecimento inovador”. Para o autor, mais que fazer oportunidade, é fazer-se oportunidade através do conhecimento.

A particularidade vivida no estado do Rio Grande do Sul com a PEM/RS, buscou promover espaços onde o jovem vivenciasse situações de investigação, de mobilização e de interferência na realidade, oportunizando assim que a escola pudesse falar e vibrar para além da consciência ingênua, ou seja, em direção à criticidade.

2. Na busca de indícios da curiosidade ingênua: a pesquisa nos meandros do cotidiano escolar

A consciência ingênua a que nos referimos está intimamente ligada à curiosidade ingênua, a qual, de acordo com Freire (2013), se provida de rigor metódico, de envolvimento, de apreensão, pode avançar para o conhecimento epistemológico. Neste sentido procuramos através dos questionários, ‘escutar’ como os jovens estudantes narram e percebem a pesquisa nos meandros⁶ do cotidiano escolar, ou seja, como as experiências de investigação juvenis estão presentes neste espaço.

“É preciso que minha curiosidade se faça epistemológica” destaca Freire (2013, p. 135). A curiosidade precisa romper a barreira da ingenuidade. A pesquisa pode promover espaço para esse rompimento e consequente superação, de acordo com Freire (1996). Para Freire “a superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica” (1996, p.30). Sendo assim, com o devido rigor metodológico, a curiosidade torna-se epistemológica. Para Freire, a curiosidade muda sua qualidade, mas não sua essência.

As DNCEM, apresentadas pela resolução do CEB em 1998, não deixam explícita a presença da pesquisa como princípio educativo, não mencionam a palavra ‘pesquisa’ em seu texto. A PEM/RS está bastante articulada com as DCNEM/2012.

suas Tecnologias. Os Eixos Temáticos Transversais envolvem Acompanhamento Pedagógico, Meio Ambiente, Esporte e Lazer, Direitos Humanos, Cultura e Arte, Cultura Digital e Prevenção e Promoção da Saúde.

⁶ Relacionado a volta, círculos, desvios, sinuosidade.

Essa articulação é notada no enfoque dado à curiosidade, à inquietude, ao protagonismo do jovem estudante na busca de saberes. As DCNEM afirmam, no que se refere à inquietação diante da realidade potencializada pela pesquisa, que essa “quando despertada no EM, contribui para que o sujeito possa, individual e coletivamente, formular questões de investigação e buscar respostas em um processo autônomo de (re)construção de conhecimentos.” (BRASIL, 2012, p. 164). A relevância está no desenvolvimento da capacidade de problematização e de busca por respostas, de modo a potencializar a atitude científica e a “promoção da ingenuidade”, ou seja, sua superação, a qual, segundo Freire, “não se faz automaticamente” (1996, p. 29), exige rigor metodológico. Em outras palavras, Freire (2013, p. 136) problematiza a importância de dar “a atenção devida ao espaço escolar, enquanto contexto aberto ao exercício da curiosidade epistemológica deveria ser preocupação de qualquer sério projeto educativo”.

A PEM/RS contempla as DNCEM ao considerar a pesquisa e sua articulação com os projetos interdisciplinares. A proposta do SI condiz diretamente com o princípio que acompanha a estruturação curricular. Neste processo é fundamental contar com professores que ancorem suas ações na mesma vibração, ou seja, que a pesquisa como princípio educativo esteja presente no fazer docente. Essa é uma das intenções deste estudo, ou seja, investigar quais dimensões do fazer docente e da experiência discente são contempladas na escola, no planejamento do professor, no cotidiano da sala de aula. Quais as aproximações? Quais os distanciamentos? Que ações são articuladas para potencializar a investigação? O que os jovens estudantes entendem por pesquisa como princípio pedagógico? O propósito deste trabalho é rastrear os indícios dessas presenças por meio da percepção dos jovens estudantes, visto que registros etnográficos indicam que a reestruturação curricular levada a efeito na rede estadual de ensino ainda desestabiliza estudantes e possivelmente seus professores, embora já tenham decorridos cinco anos desde a implantação.

Diante dessas questões e considerando a tríade do conhecimento de Paulo Freire, ou seja, o movimento perpassado desde a consciência ingênua, para a crítica e dessa para a epistemológica, aventa-se a hipótese de que a escola ainda fala e vibra numa dimensão de curiosidade ingênua. No entanto, as análises preliminares do material empírico da pesquisa indicam que já é possível registrar competências que transcendem a consciência ingênua.

Ao questionar os jovens estudantes com relação ao SI, constatamos que 249, dos 380 estudantes entrevistados, manifestam o desejo de que o SI continue no currículo escolar e 123 opinam pela extinção do componente curricular. Quando desafiados a justificar suas respostas, muitos jovens expressam suas posições, cujo agrupamento permite identificar pelo menos cinco categorias de análise. Uma das categorias solicita que a escolha da temática de investigação seja de ‘interesse dos estudantes’; outra refere a importância da ‘interação entre estudantes e comunidade a partir da pesquisa’; uma terceira categoria aponta para a necessidade de investimento na ‘formação dos professores responsáveis pelo SI’; outra ainda, embora de maneira discreta, sugere a ‘exclusão do SI’; e, por fim, o posicionamento pela permanência do componente curricular se evidencia de forma aliada aos avanços, às melhorias, às ideias/sugestões/reivindicações apontando para uma consolidação da ‘identidade do SI’. Na sequência do texto, procuraremos dar ênfase a essa última categoria manifestada com maior frequência nas narrativas dos 380 jovens estudantes do EM das escolas de abrangência da 4ª CRE.

Não podemos ser “reféns de nossos encantamentos” nos afirma Pais (2001, 16), mas, a partir do que a realidade observada sinaliza, identificamos que, ao contrário das hipóteses iniciais, os jovens estudantes do EM demonstram sintonia com os preceitos de Freire sobre a consciência crítica, evidenciando um processo de aproximação à curiosidade epistemológica, com indícios que os situam para além da curiosidade ingênua.

Ao encontrar registros apontando que o SI possa oportunizar *fazer coisas mais elaboradas, com projetos mais avançados*⁷ (E132) identificamos o processo de aprender que Freire sinaliza como “um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador” (1996, p. 24). A capacidade de aprender, quanto mais desafiadora, quanto mais criticamente for exercida, mais promoverá o desenvolvimento da “curiosidade crítica, insatisfeita, indócil” (FREIRE, 1996, p. 32). Esta criticidade pode ser indiciada nas narrativas de E150 ao afirmar que o SI deve *ser levado mais a sério, ter mais períodos*, complementada pelas narrativas de E143, *ter mais de uma aula por semana*, de E166 que opina sobre a necessidade de *haver menos matação de aula*, e de E204 ao narrar que *gostaria que o SI fosse mais aprofundado*. Ao considerar as narrativas relacionadas a experiência com a pesquisa, os

⁷ As narrativas dos jovens estudantes serão inseridas no texto em itálico e identificadas com a letra E – estudante seguida do número do questionário.

jovens demonstram que têm desejos, necessidades e expectativas, indicando que querem mais, desconstruindo as afirmativas vindas do senso comum de que não querem nada com nada.

O desejo de *aprender sobre o que está acontecendo no país e no mundo com debates e pesquisas* (E153), de saber mais *sobre problemas realmente importantes* (E55) é outro indício dos meandros do cotidiano escolar que aponta para além da curiosidade ingênua e do “saber da pura experiência feito”, que tende a ser superado (FREIRE, 1996, p. 29). Nos limites do questionário há desafios para a “imaginação sociológica” (PAIS, 2003, p.41) no que se refere às temáticas que os jovens narram querer investigar. Dentre elas estão presentes nas narrativas de E164 *assuntos produtivos e importantes para a vida*, nas palavras de E159 - *fazer com que o SI fosse mais voltado ao mercado de trabalho e não somente sobre qualquer assunto*, ou seja, o “Ensino Médio representa uma etapa de formação intelectual, mas também de formação humana significativa”, sublinha Weller (2014, p. 140-141) ao mesmo tempo em que, de acordo com a autora “os projetos de vida assumem uma centralidade” (2014, p. 141). Sintonizam os jovens com o desejo por *projetos diferentes, assuntos polêmicos* (E148), por *exemplos de atividades no futuro, mostrando e retratando o cotidiano de atuação em áreas de trabalho* (E152), são algumas temáticas que se aproximam da ótica dos estudantes. Por outro lado, é possível identificar em algumas narrativas, que a escolha da temática a ser estudada sinaliza uma ótica que não a do jovem estudante. A narrativa de E333 - *propiciar aos alunos escolherem o tema de pesquisa*; complementada pelas palavras de E338 - *pesquisas livres para cada um dos alunos escolher um tema que gosta para explicar e mostrar ao público* contribuem para evidenciar a ótica do professor ou da organização curricular na temática a ser investigada. As narrativas dos jovens estudantes, abrem fissuras entre o que vivem no cotidiano escolar e juvenil em relação à pesquisa e o que de fato almejam experienciar.

Nos meandros do cotidiano escolar, de que forma a curiosidade ingênua dos estudantes é considerada pelos professores no que se refere ao enfoque investigativo apresentado na proposta do governo do estado do RS para o EM? Ocorre a escuta da consciência ingênua dos estudantes e conseqüente problematização no sentido da superação pela via da pesquisa? As palavras de E158 contribuem como uma resposta para essas indagações ao registrar a necessidade de *reformular questões de projetos fazendo algo diferenciado, apresentando desafios novos aos alunos*.

O conteúdo extraído do questionário de E78 – *queremos menos pesquisa e mais prática* – foi recorrente na percepção de outros jovens, desafiando pensar sobre o que os jovens estudantes estão evocando ao registrar que desejam menos pesquisa e mais prática. Seria o desejo de fazer, vivenciar, conhecer, experienciar? Em que medida essa percepção é reflexo do modo como a pesquisa na escola é tratada, muitas vezes, resumindo-se a consultas bibliográficas na biblioteca ou à busca de informações na Internet? Embora de modo indireto, poderia ser associada à manifestação supracitada uma insatisfação como um indício de curiosidade crítica e um olhar de forma “criticamente curiosa”, pois já não basta ter as informações construídas pela humanidade, sendo necessário a interação com o cotidiano vivido pelos atores sociais (FREIRE, 1996, p. 32).

Para Melucci (1997) no momento em que conseguirmos garantir um espaço de escuta das vozes dos jovens, então será possível diminuir a separação que existe entre o universo que distancia o mundo adulto do juvenil. Os professores não são da mesma geração dos estudantes, mas este fato não deve dificultar a escuta, muito pelo contrário, deve ser estimulado para aproximar estas gerações.

Os estudantes se percebem envoltos pela pesquisa e esta é incorporada, integrada ao cotidiano escolar, eles desejam *começar mais cedo com o SI, desde o Ensino Fundamental* (E73). Suas palavras sugerem que percebem no SI um espaço para a indagação, onde suas curiosidades podem ser verbalizadas, por meio de perguntas, cujo esclarecimento encontra espaço para a procura, para a busca. À luz de Freire, “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentado a ele algo que fazemos”. (1996, p. 32). As palavras dos jovens sobre o cotidiano do EM e a relação com o SI, indicam que para além dos recortes do conhecimento que a escola escolhe para o processo de formação que ocorre no EM, há expectativas por *mais conhecimento do mundo atual* (E199); *mais desenvolvimento de projetos a nível acadêmico e pesquisas relacionadas a outras áreas do conhecimento* (E257); *pesquisas de campo seria bom, pois em nossa cidade existe muita história para desenvolver projetos* (E269); *que tenhamos um projeto por ano, para que possamos ter tempo de fazer bem feito* (E381). Essas narrativas nos encharcam de motivos para acreditar que quanto mais oportunizarmos que os jovens estudantes sejam desafiados, tendo os ensinamentos de Freire como horizonte, tanto mais desenvolverão a “capacidade de indagar, de

comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso” (FREIRE, 1996, p. 62).

3. Para além da curiosidade ingênua: jovens estudantes e a pesquisa na sala de aula

Os estudantes se percebem na pesquisa, com a pesquisa e para a pesquisa de formas diferentes entre encontros e desencontros. Conforme comentado anteriormente, os jovens, em suas narrativas, demonstram um potencial importante de criticidade diante da proposta do SI.

É preciso considerar os elementos presentes na constituição e compreensão da juventude contemporânea. Os jovens estudantes que estão nas escolas hoje, são sujeitos ativos, que requerem uma escola que se aproxime das suas expectativas, mesmo que para isso precisem demonstrar resistência, distanciamento e desencanto em suas atitudes.

As narrativas que seguem contribuem para que possamos capturar alguns indícios do que acontece no SI que atrai o jovem estudante e contribui para uma articulação das experiências juvenis com as experiências escolares. Ampliar a *carga horária para ter ainda mais e mais ideias para tentar mudar nossas formas de pensar e agir* (E287) e *participar mais dos assuntos da própria comunidade e sociedade* (E299), compilam com a ideia de que o SI pode ser uma alternativa para validar o que os jovens querem e desejam, evidenciando a superação de que não querem nada com nada.

Quando questionados se participam da proposta do SI, 347 estudantes assinalaram que sim, 13 não e 19 indicaram que não se envolvem muito. Dos 347, 214 sentem-se entusiasmados e 139 informam estarem desmotivados. A relação entre SI e pesquisa é percebida por 336 estudantes, sendo que 38 não têm essa percepção, pois a pesquisa aparece muito mais relacionada a elaboração do projeto do que à sequência na execução e sistematização do mesmo. Sobre as aprendizagens oportunizadas pelo SI, 232 estudantes assinalaram que aprenderam a elaborar projeto de pesquisa, 51 jovens destacam aprendizagens referentes ao trabalho em equipe, 27 associam as habilidades na formulação de perguntas tornando-os mais questionadores, 26 dizem que com a pesquisa puderam conhecer melhor o mercado de trabalho e 16 manifestam que aprenderam a formatar um texto. Nessas respostas é possível identificar que os

estudantes tiveram experiências diferenciadas, mas fica evidente o investimento muito maior na organização do projeto de pesquisa do que no processo de desenvolvimento, organização dos dados ou na sistematização e divulgação dos resultados. Outro ponto a destacar é que os projetos são associados a mais uma tarefa cumprida, haja vista a baixa adesão na participação de eventos de socialização dos processos vividos com a pesquisa com apenas 53 estudantes manifestando experiência nessa direção, com ampla maioria (321 jovens) referindo que não se envolvem nessa etapa da pesquisa.

Aprendizagens relacionadas ao trabalho em equipe destacado por mais de 20% dos jovens estudantes ecoa nas narrativas de forma a clamar atenção para as relações sociais presentes nos espaços do cotidiano escolar. Para Sposito (2005), na juventude se vive uma fase da vida onde se inicia a busca pela autonomia, marcada pela construção da identidade pessoal e coletiva. Não é possível compreender o jovem sem conhecer o universo no qual ele se situa. O diálogo, a convivência entre os pares, as trocas, as relações vivenciadas nos espaços oportunizados pela pesquisa, contemplam situações, movimentos e ações basilares na formação dos jovens estudantes do EM.

Precisamos levar o jovem mais a sério, alertam Dayrell e Carrano (2014, p. 107), pois, “ele não é chamado para emitir opiniões e interferir até mesmo nas questões que dizem respeito a ele, diretamente. E isso, sem dúvida pode ser considerado como um desestímulo a participação e ao protagonismo”. As narrativas dos jovens da pesquisa são recorrentes. Eles sublinham a satisfação em serem escutados e a possibilidade de emitirem suas posições sobre a própria escolarização. Ao serem indagados sobre a experiência em participar da pesquisa destacaram ser *muito legal saber que tem alguém que se importa com a nossa opinião* (E51). Expressam que têm necessidade de *expor a opinião para novas pessoas* (E64) e, ao mesmo tempo, dizem que desejam *dar sugestões que podem ser úteis para termos uma escola melhor* (E77). É notório que o processo de democratização do acesso à escola e, posteriormente, ao EM, não foi acompanhado pela devida qualidade, pois, segundo Tomazetti (2014, p. 17) “as escolas brasileiras continuam atuando como se nada houvesse mudado”.

Me senti bem em saber que alguém está ligando para o que eu penso sobre SI (E133). Há o clamor para serem reconhecidos como sujeitos capazes de contribuir com o próprio processo de escolarização, de participar com ideias *sobre assuntos não muito comentados diariamente* (E140). Os jovens participantes da pesquisa mencionam ainda que *seria bom que nossa opinião ajudasse a mudar algo em relação a escola* (E125),

além de considerarem importante *falar o que pensam sem medo de críticas* (E92), bem como acreditam que a escola deve *ouvir a opinião dos alunos em relação ao ensino que recebem* (E299). Essas narrativas indicam que na escola se conversa pouco sobre a experiência escolar.

A oportunidade de *dar opinião sobre assuntos que nunca tinha parado para pensar* (E334), considerando a condição de estudante há mais de 10 anos na Educação Básica, *de refletir mais na maneira de estudo e sobre a própria escola onde passo boa parte de minha vida* (E362) remetem aos dizeres de Pais no que se refere ao cotidiano e à “posse do real”, sendo esta “uma verdadeira impossibilidade e a consciência epistemológica desta impossibilidade é uma condição necessária para entendermos alguma coisa do que se passa no cotidiano” (PAIS, 1993, p. 105).

A escuta dos jovens, por meio das palavras que emitem sobre o cotidiano da experiência escolar no EM de escola pública, indica que as experiências protagonizadas no âmbito dos projetos vinculados ao componente curricular SI são significativas e podem ser potencializadas, como um canal de diálogo e de interação entre o interior e o exterior da escola, numa articulação estreita entre o concebido nas orientações legais do Ensino Médio Politécnico do estado do Rio Grande do Sul, o vivido no SI como um dos elementos constituintes da proposta e, de modo especial, com o percebido pelos jovens estudantes, na experiência refletida no modo como expressam a experiência. Evidências da transição da consciência ingênua para a crítica ecoam das palavras dos jovens. O desafio apresentado volta-se para o avanço na constituição da consciência epistemológica, de modo a compor o movimento ascendente e dialético da tríade do conhecimento abordada por Paulo Freire.

Considerações finais

Muito ainda há que estudar, visitar e reinventar, mas a ousadia da implementação de uma política pública que inseriu transformações educacionais no EM do estado do Rio Grande do Sul, através de uma prática pedagógica que tem a pesquisa como princípio educativo, pode gerar a superação da curiosidade ingênua pela oportunidade da busca, da pesquisa, da investigação, da criação, da inovação.

Uma longa jornada há ainda que ser percorrida e desbravada pelos jovens estudantes e seus professores, bem como por aqueles que investigam as práticas e as

políticas voltadas ao EM, na tentativa de tornar presente a formação humana integral e não apenas a formação em conformidade com a lógica e o mundo do mercado e do trabalho. O processo educacional do EM envolve as ações de cuidar e de educar, tão evidenciadas na Educação Infantil, mas abandonadas no decorrer do processo de formação que acompanha os percursos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

Não há um caminho linear, mas é fundamental um olhar para ‘fora’, um olhar atento aos cenários do entorno da escola e das políticas públicas voltadas à consideração da voz dos jovens estudantes para que continuem provocando ecos e mobilizando a discussões e reflexões referentes aos elementos associados à superação da crise que o EM vem passando.

As narrativas presentes nas palavras dos jovens evidenciam indícios de aproximações com a criticidade na construção do conhecimento através da pesquisa na escola, avançando para além de uma curiosidade ingênua, afora indicar, também, que o Seminário Integrado é *lócus* de efervescências de criticidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica*. Conselho Nacional da Educação. *Câmara Nacional de Educação Básica*. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**, Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Formação de professores do ensino médio, Etapa I - Caderno I: **Ensino médio e formação humana integral** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores : Carmen Sylvia Vidigal Moraes... et al.]. – Curitiba : UFPR/Setor de Educação, 2013. 51p. : il. algumas color., retrs.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola**. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. **A sombra desta mangueira**. 11. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, Tempo e Movimentos Sociais**. Revista Brasileira de Educação. ANPED, n.5 e 6, p. 37-52. Maio/ago. – set/dez. 1997.

PAIS, José Machado. **Nas rotas do cotidiano**. Revista Crítica de Ciências Sociais. N° 37. Junho 1993, p. 105 – 115.

_____, José Machado. **Ganchos, Tachos e Biscates** - Jovens, trabalho e futuro. In: Coleção Enciclopédia Moderna. N° 3, Série Sociologia. Porto. Ambar, 2001.

_____, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio** (2011 – 2014). Porto Alegre, 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

TOMAZETTI, Elisete. Medianeira; RAMOS, Nara Vieir; SALVA, Sueli; OLIVEIRA, Adriano M. ; SCHLICKMANN, Vitor. **Os Sentidos do Ensino Médio: olhares sobre a escola contemporânea**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2014. v. 1. 123p .

WELLER, Wivian. **Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro**. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.